

QUANDO O ALFABETO É O PROTAGONISTA NOS LIVROS PARA CRIANÇAS¹

WHEN THE ALPHABET IS THE PROTAGONIST IN CHILDREN'S BOOKS

Norma Sandra de Almeida Ferreira

*Professora livre docente da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas
Coordenadora do grupo de pesquisa "Alfabetização, Leitura e Escrita e Trabalho Docente na
formação inicial" – ALLE/ AULA
normasandra@yahoo.com.br*

Juliana Pinto Campagnoli²

*Pedagoga formada pela Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas
julianapcam@hotmail.com*

Resumo: Atualmente, o mercado editorial oferece para os pequenos leitores uma produção de livros – volumosa, diversa e (re)atualizada – com a intenção de lhes apresentar as letras do alfabeto e de seduzi-los para o mundo dos livros, para as práticas leitoras e para a importância e o prestígio da leitura. Neste texto, apresentamos um estudo inventariante dessa produção para crianças e propomos uma análise qualitativa, indagando: como essas obras concretizam o binômio “aprender o alfabeto e apreciar literatura” em uma configuração composicional que prevê uma prática de leitura prazerosa e divertida.

Palavras-chave: Literatura infantil. Alfabetização. Leitores. Leitura.

Abstract: Currently, the editorial market offers young readers a large, diverse, and (re)updated book production aiming to present them the alphabet and seduce them to the world of books, to reading practices, and the importance and prestige of reading. In this text, we present a study that inventories this production to children and propose a qualitative analysis questioning how these works materialize the binomial “learning the alphabet and enjoying literature” in a compositional configuration that envisions a pleasant and fun reading practice.

Key words: Childhood literature. Literacy. Reader. Reading.

1 Este texto originalmente foi elaborado para a palestra ministrada por Norma Sandra de Almeida Ferreira na mesa-redonda intitulada *Literatura e alfabetização em diálogo*, no III Congresso Brasileiro de Alfabetização – CONBAIf, realizado em 16 a 18 de julho de 2017, Vitória (ES).

2 Autora do trabalho de Iniciação Científica intitulado *As letras que ensinam, encantam e viram “gente”*, PIBIC/Unicamp 2017.

Notas sobre a produção (impressa) para crianças

Nos dois últimos séculos, a produção de livros impressos para crianças ampliou-se, apoiada em grande parte na crença no poder de formação/ transformação da leitura e do livro. Incentivada pelas práticas de leitura e representações próprias (mas não exclusivas) do ambiente escolar, essa produção tem se vitalizado e se espalhado em uma significativa quantidade e diversidade de autores, obras e projetos editoriais, inscrevendo-se na memória de muitas gerações de leitores e garantindo um lucro certo para as editoras.

Em meio a uma volumosa e dispersa produção, o polo editorial (inclusive o voltado às crianças) constrói sistemas de classificação, explícitos ou não, que procuram orientar leitores e consumidores para a sua recepção. Para Bourdieu (1996, p. 248), “um livro não chega jamais ao leitor sem marcas”, as quais permitem uma fácil identificação de seus usos e finalidades. Livros são “ordenados” em fichas catalográficas, em gêneros, coleções, pelos níveis de escolaridade e pelas idades de seus leitores pressupostos, orientando uma escolha, sugerindo práticas em determinadas condições de leitura, de diferentes comunidades.³

Livros de “literatura infantil”, “didáticos” e “paradidáticos” são nomenclaturas dadas a três tipos de produção para a criança, em uma tentativa de classificá-las e estabelecer distinções entre elas. No entanto, por serem construídas historicamente, nem sempre essas classificações se mantêm constantes e tampouco tem sido possível estabelecer uma diferenciação exata entre elas. Trata-se de um esforço de distinção tipológica que exige considerar imbricações e nuances inscritas no polo da produção e também no das práticas, por exemplo, escolares, que mobilizam e que fazem uso desses livros.

À literatura infantil, por exemplo, tem sido atribuída uma caracterização cultural ora mais ligada a sua potencialidade em formar a criança segundo os valores socioculturais pressupostos pelos adultos (diante de determinadas condutas sociais e de determinadas temáticas); ora mais intencionalmente produzida por uma valorização do estético-literário constituído pela ficção e pela fantasia. Marcada e constituída pela representação do seu leitor (em formação), essa literatura pressupõe práticas que atribuem significações (e valores) diferentes “[...] a um gesto aparentemente idêntico: ler um texto.” (CAVALLO; CHARTIER, 1998, p. 7).

Por outro lado, a produção dos livros didáticos tem buscado diferenciar-se da literatura infantil, basicamente, pela sua intenção e função pedagógica marcada pelo processo de ensinar determinado componente do currículo

3 Não desconsideramos aqui a ideia da liberdade do leitor, entendido como produtor inventivo de sentidos não pretendidos e tampouco previstos pelo autor/editor/mercado editorial, podendo, em qualquer situação, subverter as prescrições e ordenações do mundo da leitura (CERTEAU, 1994; CHARTIER, 1990).

escolar, de forma gradual. Entre esses objetos culturais considerados contemporaneamente como multifacetados, distinguem-se as cartilhas, reconhecidas por explicitamente dedicar-se ao ensino formal das primeiras letras, no momento inicial de aquisição da língua escrita pelas crianças.

Os livros denominados “paradidáticos”, por sua vez, são reconhecidos por abordarem uma determinada temática ou um conteúdo ligados aos currículos escolares e por servirem de apoio às aulas de diferentes disciplinas. Diferenciam-se dos manuais pelos seus projetos editoriais, compostos de uma quantidade menor de páginas, da presença significativa de ilustrações coloridas, de uma narrativa ficcional recheada de informações e conceitos próprios de determinada disciplina (MELO, 2004). Aproximam-se, visualmente, dos projetos editoriais identificados como livros de literatura para crianças, distinguindo-se destes pela adoção do uso de uma linguagem mais informativa e da inserção de roteiros com atividades de compreensão e de estudo.

Que produção é esta?

Entre uma distinção nem sempre nítida e de cruzamentos em que tudo se junta e se mistura, uma produção impressa para o público infantil nos chama a atenção: obras que se propõem a apresentar o alfabeto para as crianças. Em sua maioria, esses livros são identificados em suas fichas catalográficas como “literatura infantil” ou “literatura infantojuvenil”, ou, ainda, “poesias infantis”. Nos sites das editoras, eles também podem ser denominados como “livros paradidáticos” e classificados por temática ou nível de escolaridade ou de idade do leitor pressuposto.

Uma produção que parece marcada pela (tensa) imbricação entre finalidades de leitura bastante distintas. De um lado, traz a intenção de alfabetizar as crianças, de lhes apresentar as letras e de oferecer a elas uma imersão no mundo da escrita. Mas não se propõe a fazê-lo pelas cartilhas, reconhecidas tradicionalmente como o gênero que melhor se aplicaria a essa finalidade. De outro, essa produção coloca-se como capaz de desenvolver o gosto pela leitura de histórias ficcionais, por trazer personagens e temáticas próximas da representação do universo infantil, remetendo ao gênero: literatura infantil. Um conjunto de obras que se caracteriza, portanto, pela intenção de ensinar determinado conteúdo (o alfabeto), mas oferecendo-se como uma prática de leitura que é deleite e fruição.

Talvez essa produção seja vitalizada pela crença de que aprender a escrever é, por excelência, uma prática iniciática moderna, em uma sociedade capitalista e conquistadora (CERTEAU, 1994). Uma prática que traz agregado o valor de posse de algo que dará ao seu usuário a ideia de pertencimento nessa sociedade que legitima o que vem da e pela escrita. Ou, talvez, essa produção

venha sendo impulsionada pelas discussões pedagógicas que orientaram e têm orientado, nas últimas décadas, as nuances entre alfabetizar e letrar (SOARES, 2000) e as críticas às práticas tidas como massacrantes, rotineiras e destituídas de sentidos para os aprendizes. Uma valorização do modo lúdico e “natural”, que parece atender às expectativas dos adultos (escola, mas também dos pais) quanto à antecipação do domínio do sistema da escrita pelas crianças.

Nesse sentido, em um primeiro momento do nosso trabalho, nos perguntamos: que produção para crianças é esta que tematiza o aprender o alfabeto e o apreciar a literatura? Como é seu comportamento editorial na questão da autoria (autores e ilustradores), do período de permanência no mercado, dos projetos editoriais (qualidade gráfica e material) em que os livros se materializam?

Uma paisagem da literatura que tematiza o alfabeto

Em pesquisa realizada por nós, construímos um *corpus* de trabalho composto por setenta e cinco (75) títulos diferentes que indicavam, além das palavras “alfabeto” e “letras”, uma proposta de leitura lúdica.⁴ Optamos pelas obras em que o papel desempenhado pelo alfabeto poderia ser entendido como o de protagonista e excluímos, por exemplo, obras que remetiam ao ensinar o alfabeto de forma mais sistemática e didática, como *Soletando Carneiros: para aprender o alfabeto*, de Simone Abel (1998), entre outras.

Os setenta e cinco títulos de obras foram localizados em dois tipos de “guardas”. Trinta e sete deles foram encontrados no site “Estante Virtual” e trinta e oito livros em editoras e livrarias virtuais. A distribuição praticamente igual entre esses dois espaços aponta para o interesse editorial por essa temática e para a potencialidade do público leitor que vem mantendo e atualizando essa produção ao longo do tempo.

A obra mais antiga localizada é *A festa das letras*, de Cecília Meireles e Josué de Castro, de 1937, enquanto entre as mais recentes encontram-se o *Alfabético-Almanaque do alfabeto poético*, de Jonas Ribeiro, e *Letras, palavras, histórias, memórias*, de Alejandro Magallanes, ambas de 2015. Sendo assim, do conjunto de exemplares localizados por nós, construímos um período de estudo do *corpus* demarcado entre 1937-2015.

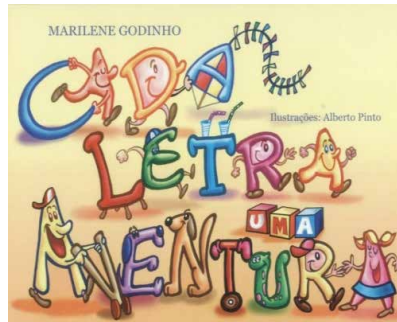
Em sua maioria, o conjunto formado pelos setenta e cinco livros apresenta-se como uma produção bem cuidada visualmente. Em sua materialidade, aproxima-se mais de um livro de literatura do que de um didático quanto ao formato, dimensão, volume, insistência na cor e presença de ilustrações.

⁴ Para conhecer melhor os procedimentos teóricos e metodológicos e o levantamento bibliográfico dos livros, ver o trabalho de Campagnoli (2017).

Cabem nas mãos dos pequeninos leitores e podem ser facilmente transportados de um lugar para o outro.

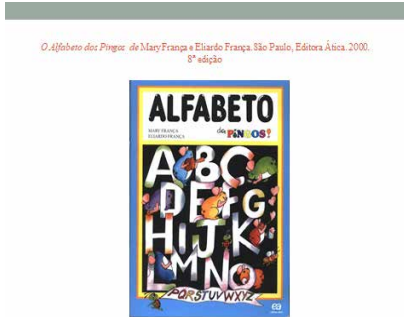
São livros que parecem corresponder a uma estética a gosto das crianças, em que a escrita é desenhada em cores, tamanhos e tipos distintos de letras, em formas estilizadas ou mais escolarizadas. Na capa e em seu interior, as letras ganham formas personificadas e convivem com crianças, animais e brinquedos. Elas conversam, choram, correm, soltam pipa, empurram “carrinho”, usam bonés e sapatos.

Figura 1 – Capa de *Cada Letra uma Aventura*



Fonte: Acervo de Campagnoli (2017)

Figura 2 – Capa de *O alfabeto dos Pingos* (2000)



Fonte: Acervo de Campagnoli (2017)

Os títulos dão centralidade a expressões ligadas, por exemplo, a ambientes descontraídos e bem-humorados, a personagens irreverentes e corajosos ou vítimas das condições do ambiente social. As letras vão às festas, ao hospital e ao circo; aventuram-se entre frutas, objetos, espaços, crianças; fazem autodescrições e autonomeações em quadrinhas, charadas, haicais; textos em prosa e em versos. Divertem-se, emocionam-se, além de viverem diversos problemas e conflitos. Roncam, dormem, amam, criam versos. Vivem peripécias em aventuras e enredos de amor, de tristeza, de doença. Têm final feliz.

Há um jogo duplo na apresentação das letras nesses livros. De um lado, elas atuam personificadas de modo a inspirar nos pequenos leitores modelos de bom comportamento, de construção de harmonia no ambiente, de boas relações entre elas, de forma lúdica e descontraída, sugerindo a intenção de seduzir a criança para o mundo da ficção. De outro, apresentadas em conjunto ou uma a uma, as letras são visualmente apreendidas pelos leitores, em uma proposta de reconhecimento de suas formas gráficas e na sequência convencional em que se ordenam no alfabeto. Nesse caso, uma proposta didática, porém menos sisuda que a escolar.

Quanto ao modo como essa produção se movimenta no espaço de tempo (1937-2015), identificamos uma dispersão entre títulos novos e também uma grande permanência de um mesmo título.

O material indica pelo menos o lançamento de um título diferente a cada ano, apontando para o vigor sempre renovado deste gênero, expresso na estabilidade de oferta desta temática, aliada ao interesse (cativo) do seu público-alvo: leitor-criança-escolar.

São livros de autores nacionais ou estrangeiros, pouco conhecidos ou reconhecidos pela crítica e pelo público infantil e infantojuvenil. Escritores mais ligados ao campo da pedagogia, como no caso de *O aniversário do Seu Alfabeto* – de Amir Piedade,⁵ ilustrações Luiz Gesini, e autores e ilustradores mais reconhecidos pela crítica literária, como por exemplo, *Palavras muitas palavras*, de Ruth Rocha.

São livros que se encontram disponíveis, porém em uma única edição, ainda que escritos por autores já consagrados pela academia e com aceitação do público leitor, como é o caso de *Letreria do Dr. Alfabeto*, de Stella Carr, ilustrações de Ricardo Azevedo, da editora Brasil, publicado em 1988. Ou ainda títulos que permanecem, ao longo do tempo, em uma significativa quantidade de reedições e (re)impressões, o que aponta para uma grande aposta das editoras nesta temática.

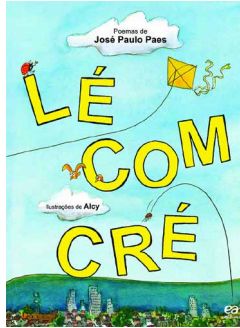
Do conjunto maior, foram localizados vinte e dois títulos diferentes, em diferentes edições, quer em distintos projetos editoriais⁶ ou conservando-se tal qual a primeira publicação do livro.

5 Amir Piedade, doutorando em Educação pela PUC/SP, é pedagogo, professor do Ensino Básico e do Ensino Superior. Tem vários livros publicados para crianças e também trabalha com capacitação para professores. Fonte: <https://www.editoraelementar.com.br/autores/21/Amir-Piedade>. Acesso em julho de 2017.

6 Estamos chamando de projeto editorial, apoiadas nas ideias de Chartier (1990), a etapa em que os textos escritos pelos autores – na passagem a livros – são submetidos a determinadas ações (inclusão, exclusão ou modificação de capa, ilustração, prefácio etc.), decisões editoriais que têm em vista as representações de leituras e de leitores do público que a editora pretende conquistar. Tais intervenções editoriais criam, portanto, a cada edição, um novo projeto editorial, embora o leitor possa considerar que está diante do “mesmo” livro que traz o título e autor originais.

Lé com Cré, de José Paulo Paes, ilustração de Alcy, publicado pela editora Ática, tem inúmeras edições disponíveis nos sites (1993; 1994; 1996; 1997; 2004; 2005; 2008; 2012; 2015; 2016), porém em um único projeto editorial.

Figura 3 – Capa de *Lé com Cré* (2015)



Fonte: Acervo de Campagnoli (2017)

Lé com Cré e também outros títulos que mantêm a mesma fórmula editorial – reeditados e reimpressos – são aqueles publicados mais recentemente e criados por escritores e ilustradores contemporâneos que compartilham o mesmo universo temporal de seus leitores. São também obras que, geralmente, conservam-se fiéis a uma mesma casa, garantindo-lhe uma venda com menos custos.

As reedições, com distintos projetos editoriais, são marcadas por estratégias no polo da produção, que, apesar de conservar o mesmo texto criado pelos autores, alteram os aspectos tipográficos e gráficos, capas e paratextos do livro publicado. *O Batalhão das letras*, de Mário Quintana, cuja 1ª edição é de 1948, com ilustração de Edgar Koetz,⁷ é um exemplo de reedições, com projetos distintos, ao longo do tempo, exibindo ilustradores como Eva Funari, Rosinha, Marília Perillo e uma variedade de editoras: Globo, Companhia das Letrinhas, Alfaguara.

A festa das letras, de Cecília Meireles (1ª edição em 1937), é ilustrativo de um título que se mantém no mercado editorial ao longo do tempo e também em projetos distintos de uma única editora (Global): uma edição fac-similar da 1ª edição, com ilustrações de João Fahrion (1996; 2003; 2015), e uma outra, ilustrada por Cláudia Scatamacchia (2015; 2016; 2017). Um trabalho de reedição que não só atualiza a obra para o leitor contemporâneo, mas que na versão fac-similar permite a ilusão de posse da edição original, especialmente daquelas que ganharam o estatuto de “clássicos” e que foram produzidas por prestigiados autores e ilustradores. Uma forma de valorização da obra, especialmente por parte dos adultos – mediadores da leitura –, pelas formas que os livros assumem culturalmente, inclusive em sua materialidade.

⁷ Exemplares de primeiras edições de livros, como, por exemplo, *O Batalhão das letras*, estão disponíveis no blog <http://crisalfabetoaparte.blogspot.com.br>, da pesquisadora Cristina Maria Rosa, da UFPel (RS). Acesso em julho de 2017.

Assim, as reedições, mais do que mera reprodução de um conteúdo, mantêm a permanência de seus títulos e movimentam a circulação de obras no mercado editorial – quer dando a elas uma impressão de novidade, quer “traduzindo” graficamente as obras pelas mãos de ilustradores contemporâneos e reconhecidos pela crítica (Eva Funari, Nelson Cruz, Odilon Moraes, entre outros), ou ainda alimentando a legitimidade de um cânone a ser apropriado pelo leitor em formação.

De qualquer forma, o volume, a diversidade, a renovação e a permanência da oferta de títulos, ao longo do período de 1937 a 2015, constituem as marcas dessa produção. Além disso, essa composição e seu modo de funcionamento parecem confirmar a importância dada pela cultura à imersão de crianças na sociedade letrada e a vitalidade do investimento nesse setor, especialmente aquele ligado à escola.

O alfabeto doido; o alfabeto bicho; o alfabeto didático

Em um segundo momento de nossa pesquisa – de natureza qualitativa –, com o intuito de nos aproximar para interrogar o modo como essas obras concretizam o binômio “aprender o alfabeto e apreciar literatura” propondo uma prática de leitura prazerosa, selecionamos três livros: *Mico Maneco*, de Ana Maria Machado (1988, 23ª reimpressão), *ABC Doido*, de Angela Lago (2010, 2ª edição), e *O Bicho Alfabeto*, de Paulo Leminski (2014). São três obras com propostas distintas que tomam o alfabeto como centralidade: uma ludicidade que é visual e textual.⁸ Perguntamos: quais práticas de leitura e quais imagens de leitores estão inscritas nessa produção? Como a especificidade da linguagem literária se concretiza nessas obras e em seus projetos editoriais? Que concepções de alfabetização movimentam essa produção no diálogo com a escola?

ABC Doido

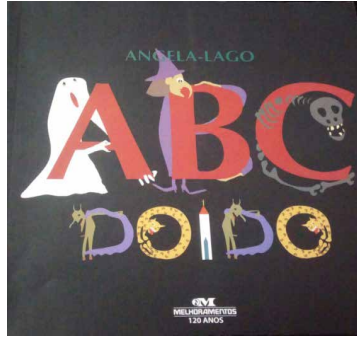
O *ABC Doido*, escrito e ilustrado por Angela Lago⁹ (2010), é publicação da editora Melhoramentos, desde sua primeira edição em 1999. Trata-se de uma obra com um projeto editorial primoroso: papel de qualidade (acetinado e de boa espessura); um trabalho na alternância de cores – preto, verde, roxo e vermelho – nos fundos das páginas e na distinção entre as letras.

8 Usamos como critérios para a seleção dos livros: o uso estético da linguagem literária e imagética na forma de apresentar o alfabeto e o gosto pessoal pelas propostas dos livros, e por considerarmos que elas poderiam render aspectos diversos a respeito desse tipo de produção.

9 Na última página do livro, encontramos breve biografia de Ângela Lago. De forma estilizada, Ângela Lago é apresentada como uma senhora com asas nas costas que: [...] nasceu em Belo Horizonte, em 1945. Já “escreveu muitos livros, sendo alguns sobre fantasmas e assombrações.[...]” (s. p.).

As ilustrações, da própria Angela Lago, produzem um jogo entre o que se diz (conteúdo) e o que se desenha (forma). Uma relação intencional entre texto imagético e texto verbal, em que ambos atuam de forma igualmente importante na composição da aprendizagem do alfabeto.

Figura 4 – Capa de *ABC Doido* (2010)



Fonte: Acervo de Ferreira

A estética dessa capa (assim como a das orelhas do livro) se constitui no colorido e tamanho das letras, na escolha dessas figuras-personagens-letras, no modo como são apresentadas, sugerindo uma leitura divertida do ABC. São figuras (Assombração, Bruxa, Caveira, Diabo, Onça) que fazem parte do universo imaginário da criança, mas que podem ser “amedrontadoras”, uma vez que são muito diferentes daquelas que remetem a uma visão romantizada, normalmente presente nos livros para os pequenos leitores.

O texto na capa de trás (ou quarta capa) explicita o interesse dessa publicação em propor um “aprender brincando” das primeiras letras:

Figura 5 – Quarta Capa de *ABC Doido* (2010)



Fonte: Acervo de Ferreira

De forma sintética, o texto da quarta capa destaca a proposta do livro: uma concepção de alfabetização descontraída e não formal; um distanciamento do ensino que ocorre com o método tradicional das cartilhas. Propõe um modo de aprender com adivinhas e rimas, de forma a provocar a curiosidade, a

descoberta e a brincadeira. Finalidades de leitura em que a risada pode estar presente e ser incentivada para o leitor escolar, mas ainda para “todas as idades”, incluindo o adulto que indica a obra, e que faz a mediação entre a criança e o livro. Propõe qualidade, porque criado por uma autora/ilustradora premiada. Propõe um jeito de aprender que é uma **MOLEZA**, ilustrado no uso lúdico das letras, que representam animais e seres nem sempre presentes no cotidiano, mas tão a gosto do imaginário infantil.

O alfabeto, além de dar título ao livro, é o protagonista da ilustração e das charadas, em uma proposta bem distinta do que normalmente encontramos nos textos cartilhescos. O gênero “charada” funciona como uma brincadeira que faz parte da cultura oral, uma forma de socialização entre os falantes, com a finalidade, neste caso, de exigir uma resposta com destaque para uma letra.

Nas ilustrações, as letras têm lacinho vermelho, mãozinhas e pezinhos para formar a imagem de uma filha, como na letra **F**; podem aparecer grávidas de um bebê ou apontando para o bumbum, como a letra **B** etc.¹⁰ São ações facilmente identificadas com aquelas também realizadas pelos pequenos leitores, que como as letras brincam de se esconder, inventam brincadeiras com objetos como o avião, sentem vergonha, têm medo de assombração, entre outras.

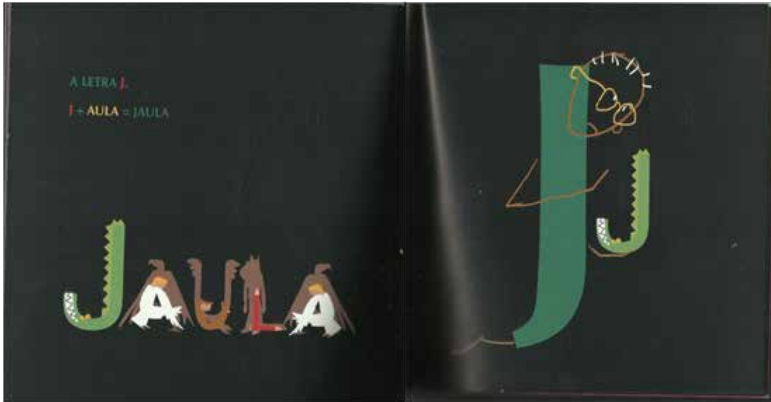
Na apresentação imagética, uma a uma, ou no alfabeto como um todo, as letras podem ser representadas por um recurso metonímico; a boca do jacaré, por exemplo, ganha a forma do **J**; misturadas com objetos e seres, as letras se substituem ou se sobrepõem aos desenhos. Junto com símbolos matemáticos (+; -; =), formam novas palavras resolvendo uma operação, como vemos na letra **J**. Vejamos as páginas 68-71:

Figura 6 – *ABC Doido* (2010)



Fonte: Acervo de Ferreira

¹⁰ A concretude representada pela personificação das letras também pode indicar uma concepção de ensino orientada pelo método intuitivo, que, conforme Ferreira (2014; 2017), se dá no interior do projeto visual e tipográfico em relação ao papel da imagem no ensino da leitura para um leitor iniciante.

Figura 7 – *ABC Doido* (2010)

Fonte: Acervo de Ferreira

Na apresentação textual de cada letra, há todo um cuidadoso projeto editorial em que o jogo do sentido é disparado não apenas pela interpretação da adivinha ou do reconhecimento do alfabeto. Cada letra é movimentada em quatro páginas em que a imagem funciona como linguagem igualmente importante para a compreensão dos sentidos pretendidos pela escritora.

À esquerda do leitor, temos inicialmente a adivinha – com regularidade na disposição e forma que ocupa na página. Na página ao lado (à direita do leitor), vemos todas as letras do alfabeto, nem sempre em suas grafias convencionais.

Virando a folha, o leitor encontrará a resposta da charada (à esquerda), acompanhada (à direita) da ilustração da letra em destaque: tamanho maior, centralizada, em cor contrastante com a cor de fundo da página. A opção pela escrita da resposta, geralmente em página diferente da charada, parece ser uma estratégia editorial com a intenção de visualmente atrasar a conferência da resposta pelo leitor.

Textos e imagens são mutuamente reforçados, potencializando sentidos pouco usuais e previstos em leitura-decodificação. De forma divertida, nem sempre de entendimento fácil, as letras vão sendo apresentadas, sem ênfase em sua fixação e memorização por parte da criança. Um modo que tenciona provocar o humor mais do que didatizar a aprendizagem do alfabeto. Uma proposta desafiadora para o pequeno leitor, que o coloca em contato com as letras como portadoras de sentidos em enunciados produzidos na sociedade.

A busca de aproximação do leitor infantil pode ser inferida não só pelo traçado da letra (bastão) atualmente recomendado pela escola, mas também nas próprias ilustrações, que têm traços simples e estilizados, como normalmente encontramos nos desenhos feitos pelas crianças. Estratégias editoriais que pretendem auxiliar na compreensão do texto por parte do leitor em formação e que buscam atender a uma demanda da escola, geralmente o público cativo da literatura infantil.

Há em todo o livro um distanciamento bem grande do ensino do método tradicional das cartilhas, demonstrando uma concepção de alfabetização que expõe à criança o alfabeto em situações textuais (charada-pergunta e resposta), em situações imagéticas (ilustrações); de uma forma completa (todo o alfabeto) e no destaque de uma única letra; nas mudanças das cores e nas mudanças da posição da letra na palavra; no jogo entre o sentido explícito e o figurado possível a cada letra etc.

Primeiramente, há um deslocamento de concepções de alfabetização porque o livro não segue a sequência tradicional e brinca com a grafia codificada do abecedário. A apresentação do alfabeto começa com **Z** e finaliza com **A** e pode trazer letras espelhadas e não apenas como são convencionalmente grafadas.

Segundo, porque o livro não apresenta as letras orientado por uma concepção gradual de dificuldade, separando sílabas simples de dígrafos; relações unívocas de letra e som de relações mais complexas, como aquela que tem mais de um som (como o X, por exemplo), ou um som que seja representado por mais de uma letra (/s/, /ss/, /c/) etc.

Um terceiro distanciamento do padrão tradicional de alfabetização é que o *ABC Doido* não se apoia na pura memorização de determinada escrita da letra, sílaba ou palavra. A concepção que parece orientar o ensinar/aprender alfabeto, nesta obra, é a ludicidade inscrita na montagem e desmontagem das palavras, utilizando-se para isso de vários recursos: mudando a posição que a letra aparece na palavra; trocando uma por outra; acrescentando, juntando ou cortando uma letra de uma palavra etc. Um jogo em que o sentido desliza entre linguagens verbais e visuais. Uma didática pouco explorada pela escola.

O bicho alfabeto

O Bicho Alfabeto, de Paulo Leminsky¹¹ (2014), é um poema que dá título e abre o livro com o mesmo nome. Ilustrado por Ziraldo¹² e publicado pela Companhia das Letrinhas, traz Arnaldo Antunes como prefaciador. O livro versa sobre o poder das letras no processo de escrita da criação literária, um modo (perigoso) de dizer sobre o mundo.

A ficha catalográfica enquadra a obra na categoria “literatura infantojuvenil”. As dimensões do volume, a capa dura, poucas páginas, textos curtos (poemas), muitas e coloridas ilustrações de autoria de Ziraldo são elementos que configuram um projeto editorial que indicia que a obra foi destinada a alcançar

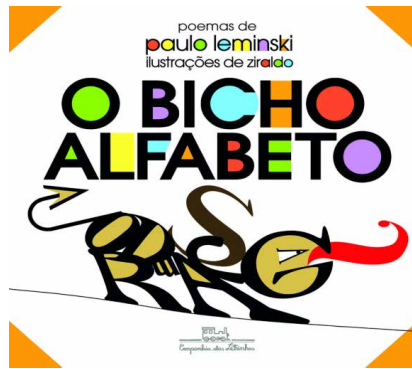
11 Paulo Leminski nasceu em Curitiba (PR), em 1944, e faleceu em 1989. Enquanto autor, escreveu um pouco de cada gênero, como livros de poemas, romances, biografias de personalidades, como as de Jesus e Trótski, ensaios e apenas dois livros para crianças: “Guerra dentro da gente” e “Lua no cinema”.

12 Ziraldo Alves Pinto nasceu em Caratinga (MG), em 1932. É autor de mais de cem livros para crianças. Criador de *Menino Maluquinho* (1ª ed. 1980), tornou esse personagem famoso. Recebeu diversos prêmios, nacionais e internacionais.

os pequenos leitores, o que não foi previsto inicialmente pelo seu escritor.

A ilustração centralizada do “bicho alfabeto” já na capa sugere a posição do animal a atacar: pernas dispostas para enfrentamento desenhadas com as letras RA, um rabo e parte do dorso do corpo no formato de setas (lanças?), uma “cara de poucos amigos”, uma grande língua vermelha de fora. Um bicho composto de letras e de sinais gráficos, inclusive com ponto de interrogação, que é o formato da língua do animal. Seria a língua/linguagem uma interrogação constante?

Figura 8 – Capa de *O Bicho Alfabeto* (2014)



Fonte: Acervo de Campagnoli (2017)

Tudo parece enfatizar o assunto do livro: o (perigoso) bicho alfabeto que entrará em ação e que, se provocado, pode ser perigoso. Embora o bicho (alfabeto) seja “sempre o mesmo”, por onde ele passa, “nascem versos e poemas que falam [...] de coisas que todo mundo conhece” (ANTUNES, 2014, s. p.) e que são transformadas em outras coisas por Leminsky, com cores e formas de Ziraldo, conforme lemos no texto na quarta capa.

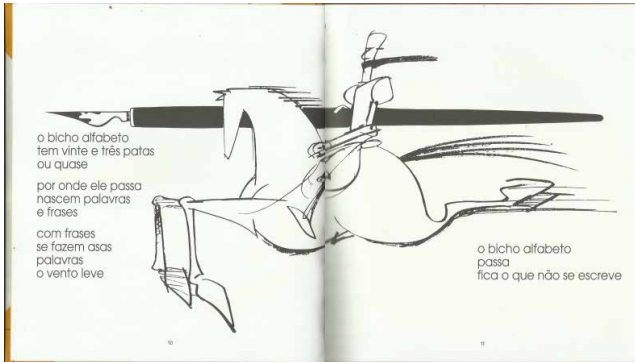
O leitor é convidado a entrar na leitura dos poemas¹³ pela primeira ilustração (p. 7), na qual identificamos pegadas (letras impressas) do bicho alfabeto, dispostas de forma amontoada e desorganizada, e que saiu para as próximas páginas, deixando apenas seu rastro (p. 7). Em busca do bicho, o leitor só o encontrará estampado nas duas páginas seguintes (p. 8-9), sendo provocado pela ponta de uma caneta tinteiro (p. 9). Mas a caneta está cortada, aparecendo por inteiro apenas na folha dupla seguinte que finaliza a sequência (pegadas, o bicho, a arma que o enfrentará). Nessas páginas (p. 10-11) a ilustração é de um cavaleiro (de bigode grande e armadura estilizada)¹⁴, montado em um cavalo, com uma longa caneta tinteiro a representar sua lança pronta para

¹³ O livro é composto, em sua maioria, de poemas–quadrinhas (quatro versos, nem sempre rimados) ou de haicais (composição de origem japonesa).

¹⁴ A ilustração parece remeter à imagem de um dos mais conhecidos cavaleiros andantes da Idade Média: Dom Quixote de La Mancha (1605), criado pelo espanhol Miguel de Cervantes (1547-1616).

enfrentar o bicho alfabeto. O primeiro poema¹⁵ é cortado pela ilustração que ocupa centralidade na folha dupla.

Figura 9 – *O Bicho Alfabeto* (2014), p.10-11.



Fonte: Acervo de Campagnoli (2017)

É nessa página que temos o *Bicho Alfabeto* (em imagem e texto), que é enfrentado por um valente cavaleiro do mundo das letras. É nessa página que visualmente inferimos que o alfabeto não será tratado aqui como uma forma de apresentar as letras ao leitor infantil, em fase inicial de aprendizagem da escrita. É nessa página que o poema sugere que as letras irão protagonizar a criação literária. Sugere-se, assim, uma produção no plano da metalinguagem, trazendo uma reflexão sobre o próprio processo da escrita da poesia.¹⁶

As ilustrações, ao longo do livro, parecem ter saído do imaginário infantil: tem sapo com uma bola (lua cheia) na cabeça; tem cachorro latindo; tem luas amarelas brilhando na cozinha; tem um delicado passarinho azul na folha dupla que fecha os poemas. Ocupam uma página inteira ou se estendem para a seguinte, dando efeito de continuidade do próprio cenário. Destacam-se no fundo branco ou de uma cor só de cada folha, num efeito de continuidade do próprio cenário. Podem reproduzir visualmente o conteúdo do poema, ou subverter seu sentido, ou ainda induzir, sutilmente, uma compreensão, como ocorre nas páginas 42-43¹⁷:

15 “O bicho alfabeto / tem vinte e três patas / ou quase // por onde ele passa / nascem palavras / e frases // com frases / se fazem asas / palavras / o vento leve // o bicho alfabeto / passa / fica o que não se escreve” (p.10-11).

16 O segundo poema do livro – “as coisas estão pretas” – também traz as letras como protagonistas, no assunto do texto e na ilustração. Estes são seus versos: “uma chuva de estrelas / deixa no papel / esta poça de estrelas” (p. 13). Um jogo irônico – na inversão dos lugares ocupados na página pelas letras e pelas estrelas entre texto e ilustração – propõe um jogo de sentidos literais e figurados entre representações textuais e imagéticas.

17 O “sol” vermelho ilustrado no fundo branco da página indicia uma referência à bandeira japonesa para o poema “era uma vez”: “o sol nascente / me fecha os olhos / até eu virar japonês” (p. 43).

Figura 10 – *O Bicho Alfabeto* (2014), p. 42-43.

Fonte: Acervo de Campagnoli (2017)

De fato, são principalmente as ilustrações de Ziraldo que permitem aproximar a poesia de Paulo Leminsky (para leitores de qualquer idade) do público infantil. Além de ele ser um “velho” escritor e ilustrador conhecido das crianças, as ilustrações são bem-humoradas e criam um efeito poético à altura dos poemas de Leminsky.

A presença e o uso do alfabeto não trazem a intenção didática de ensinar o abecedário para as crianças. Tampouco se pretende didatizar, de forma mais lúdica, o aprender as primeiras letras. O projeto editorial da obra de Leminsky vai em outra direção.

Nesse livro, o alfabeto é uma metáfora que remete à difícil luta travada pelo escritor com as letras, na criação da literatura (arte). Mais do que isso, o alfabeto, se enfrentado em seu modo custoso e singular, oferece a prática de leitura da literatura, sujeita, como nos coloca Antunes (2014), “[...] a tropeços, engasgos, sustos e curto-circuitos” (p. 5). E é nessa situação “[...] Onde o bicho alfabeto fica mais selvagem”. (p. 5).

Nesse sentido, o projeto editorial de *O Bicho Alfabeto* “ajusta” a temática para apreciação do pequeno leitor, propondo uma prática de leitura que é a de iniciação literária e imagética, acesso ao universo da poesia que é “mundo [...] totalmente de cabeça para baixo, pronto para quem quiser virar a página e se aventurar a ler a vida de um jeito diferente” (texto da quarta capa).

Mico Maneco

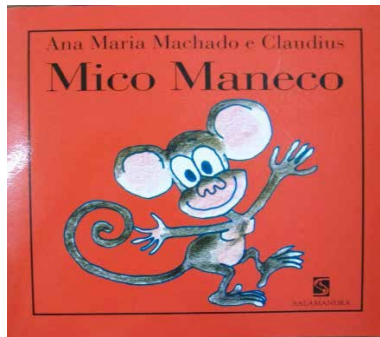
A série *Mico Maneco*, de Ana Maria Machado e Claudius¹⁸, lançada em 1982, juntamente com a coleção *O Gato e o Rato*, de Mary e Eliardo França (1988), é segundo Couto (2005), “uma proposta inovadora em relação ao que existia

18 Ana Maria Machado (1941-) dedica-se à produção de livros destinados ao público infantil, tendo recebido vários prêmios nacionais e internacionais (COUTO, 2005). Claudius Sylvius Petrus Ceccon (Garibaldi, RS, 1937), arquiteto, designer, jornalista, desenhista, ilustrador e cartunista. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br>. Acesso em julho de 2017.

na época, pois trata-se de ‘um convite para deixar de lado as tradicionais cartilhas e pré-livros’, segundo Miriam Moreira, que faz a indicação de leitura da contra-capa [...]” (p. 30).

Mico Maneco dá título à coleção que é composta de cinco séries, com quatro livros cada uma, publicada inicialmente pela editora Melhoramentos e depois pela Salamandra, do grupo editorial Moderna. Ele é o quarto e último livro da *Série I*⁹ e, na edição selecionada por nós (1988), sua capa vermelha estampa a imagem de um mico colorido, predominantemente na cor marrom. De longo rabo enrolado, carinha de amigo e feliz, braços abertos, olhos arregalados e orelhas bem grandes, o mico parece querer provocar certo humor e graça no pressuposto leitor. Em pose de mico sapeca, ele saltita pela capa: pula ou dança?

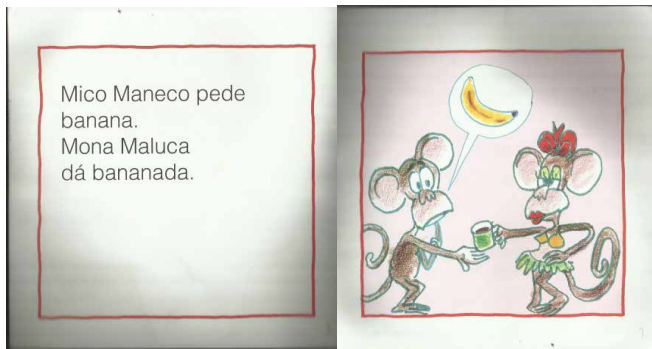
Figura 11 – -Capa *Mico Maneco* (1988)



Fonte: Acervo de Ferreira

O título curto já antecipa as famílias silábicas a serem estudadas ao longo do livro: ma; na; ca (um conteúdo escolar). E a narrativa se desenvolve com apenas dois personagens: Mico Maneco e Mona Maluca, apresentados nas primeiras páginas, e que interagem dividindo um doce (a bananada), como vemos nas páginas 8-9:

Figura 12 – -*Mico Maneco* (1988), p.8-9.



Fonte: Acervo de Ferreira

19 A série é composta dos seguintes livros: *Cabe na mala*; *Tatu Bobo*; *Menino Poti*; *Mico Maneco*.

As ilustrações dos dois macacos, na forma de caricaturas, colaboram para criar efeitos humorísticos, dando um tom menos sisudo e professoral ao ensino das famílias silábicas. A Mona Maluca, por exemplo, chega a ser grotesca, exibindo batom vermelho nos lábios e rímel nos olhos, saia de babado, sutiã amarelo e fita no cabelo (p.7). Uma dançarina tropical?

São ilustrações marcadas por traços e coloridos fortes, embora o seu contorno de caneta hidrocor e seu preenchimento de giz de cera remetam a uma simplicidade e incompletude, representações dos modos de desenhar produzidos pelas mãos de uma criança.

Trata-se de um projeto editorial que, alternando a cada página a ilustração (à direita do leitor) e o texto verbal (à esquerda), ajuda na compreensão da ação desenvolvida na narrativa pela criança em fase de aquisição da escrita. Também ajuda a presença das diferentes linguagens, reforçando mutuamente o conteúdo a ser lido.

Os curtos textos, de quatro a oito linhas, com significativo espaçamento entre elas, editados em letra de imprensa, visualmente em tamanho maior que o padrão dos livros para crianças, indiciam a preocupação editorial em ajustar a leitura aos leitores em fase inicial de aquisição da leitura e da escrita.

Figura 13 – -*Mico Maneco* (1988), p.10-11



Fonte: Acervo de Ferreira

São textos que apresentam repetições de grupos silábicos e de palavras, o que evidencia a intenção pedagógica, como vemos, por exemplo, em: “O levado / do Mico Maneco / dá uma canecada. / De bananada? / Nada. / Canecada na cuca / de Mona Maluca.” (p. 16). Mas o destaque dado às famílias silábicas não visa diretamente à memorização de repetições fonéticas e gráficas. Há um uso de estratégias didáticas, como as de substituição de letra/sílaba de uma palavra (canecada/bananada), de inserção de uma palavra/sílaba dentro de outra (bananada/nada), de rimas (cuca/maluca; caneco/maneco), entre outras, o que amplia o universo vocabular e quebra com a apresentação, repetidamente, de uma mesma sílaba, comum em textos artificialmente criados para destacá-la.

A construção do enredo é orientada por uma concepção de alfabetização

calcada na apresentação de famílias silábicas e na ideia de que a junção de sílabas simples (não dígrafos) ajuda na leitura das crianças. No entanto, tal visão – de que assim seria mais fácil no momento da aquisição da leitura/escrita pela criança – não impede a autora de inserir palavras com outros grupos silábicos, de criar frases de extensões diferentes, de colocar vários sinais de pontuação, sugerindo pausas na leitura, permitindo a produção de efeitos de indagação, surpresa, suspense, indignação.

Com isso, os textos ganham coesão e coerência, evitando a noção de textos formados por frases soltas e desarticuladas, de repetições de palavras limitadas do ponto de vista do vocabulário e distantes do universo da criança, normalmente localizados nos manuais de ensino das primeiras letras. E indiciam um trato com a linguagem na construção de um enredo que pode cativar seus leitores para a aprendizagem das letras.

As intenções pedagógicas ficam assim “escondidas”, matizadas pelos recursos adotados por Ana Maria Machado e Claudius: ilustrações coloridas e caricaturais; enredo ficcional focado nas ações e falas de personagens ligados ao imaginário infantil; aproximação com histórias populares de outros macacos que roubam doces e se lambuzam; uso de jogos linguísticos que criam humor e graça provocados por um mico “levado” (p. 4) e por uma macaca “de miolo mole” (p. 6), completamente melecados e que dividem a bananada, entre outros.

Tal projeto – materialidade e conteúdo – aproxima-se do modelo caracterizado como de literatura infantil, apresentando-se como uma obra que poderá ser lida para fruição, ainda que o caráter didático seja explicitamente expresso nos textos da quarta capa e de apresentação da obra. Ou melhor, o livro é ilustrativo de uma produção que tem como finalidade auxiliar as crianças a aprender as primeiras letras, mas que, o fazendo, as habilita “[...] para o consumo das obras impressas e para a convivência com os livros, garantia para sua continuidade no mercado editorial” (ZILBERMAN, 1985, p. 80).

O ABC que encanta, instrui e diverte

Em nossa cultura, desde muito cedo, a maioria das crianças se depara com uma produção editorial – volumosa, diversa e (re)atualizada – voltada para elas com a intenção de lhes apresentar as letras do alfabeto e de seduzi-las para o mundo dos livros, para as práticas ledoras e para a importância e o prestígio da leitura. Em diferentes projetos editoriais, essas obras não trazem de forma nítida se são para puro entretenimento porque literatura infantil, ou se privilegiam o ensino das letras, de forma menos sistematizada do que nos manuais didáticos, ou, ainda, se foram configuradas intencionalmente por um tratamento da linguagem estético ou pedagógico, destinando-se à leitura fruição e à formação literária. Trata-se de uma construção composicional

híbrida, talvez, um gênero novo, mas de garantida aceitação e penetração no ambiente escolar.

De qualquer modo, essa produção – que recebe grande investimento editorial – indicia o acesso da criança ao mundo escriturístico, de maneira menos formal do que tradicionalmente se reconhece como próprio da escola. Remete a práticas de leitura que parecem facilitar ou amenizar, segundo a visão dos adultos (familiares e educadores), essa iniciação ao universo das letras. Pressupõe a crença de que não se adentra no universo da leitura – que traz, entre outros registros, “[...] o narrar oral e as potencialidades da imaginação e da fantasia [...] o legado [...] que nutre e avigora a literatura desde seu berço” (ZILBERMAN, 2009, p. 128) – sem o conhecimento e a posse das primeiras letras.

Referências

- BOURDIEU, P. Leitura: uma prática cultural – debate entre P. Bourdieu e R. Chartier. In: CHARTIER, R. *Práticas de Leitura*. SP: Estação Liberdade, 1996. p. 229-253.
- CAMPAGNOLI, J. P. *As letras que ensinam, encantam, “viram gente”*. Relatório de Iniciação Científica. PIBIC-CNPq. Faculdade de Educação, Unicamp, 2017.
- CAVALLO, G.; CHARTIER, R. *História da Leitura no mundo ocidental*. São Paulo, Ática, 1998. v. 1.
- CERTEAU, M. de. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 1994. v. 1: Artes de fazer.
- COUTO, K. *A série “mico maneco” de Ana Maria Machado: um convite ao universo literário*. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação). Faculdade de Educação, Unicamp. 2005.
- CHARTIER, R. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.
- FERREIRA, N. S. A. *Um estudo sobre “Versos para os pequeninos”, manuscrito de João Köpke*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2017. Apoio FAPESP.
- LAGO, A. *ABC Doido*. São Paulo: Melhoramentos, 2010.
- LEMINSKI, P. *O Bicho Alfabeto*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2014.
- MACHADO, Ana Maria. *Mico Maneco*. 23. ed. São Paulo: Salamandra, 1988
- MELO, E. A. A. Estudo de uma coleção paradidática de Língua Portuguesa. In: FERREIRA, N. S. A. *Livros, Catálogos, revistas e sites para o universo escolar*. Campinas, SP: Mercado de Letras / Associação de Leitura do Brasil, 2006. p. 115-136. Apoio FAPESP.
- ZILBERMAN, R. Literatura infantil para crianças que aprendem a ler. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 52, p. 79-83, fev. 1985.
- ZILBERMAN, R. O legado da literatura. In: SANTOS, F.; MARQUES NETO, J. C.; RÓISING, T. M. K. (org.) *Mediação da leitura – Discussões e alternativas para a formação de leitores*. São Paulo: Global, 2009.